

**FORMULAÇÃO E MEMÓRIA NA TRAMA
DISCURSIVA DA ANTOLOGIA DE
ENSAIOS *NENHUM BRASIL EXISTE*:
ANTÔNIO CÂNDIDO COMO
DISCURSO FUNDADOR
NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA
CRÍTICO-LITERÁRIA NACIONAL**

DIAS, Luciana C. Ferreira¹

¹ Professora de Língua Portuguesa da Unicentro-Guarapuava- Pr e doutoranda em Linguística Aplicada na Unicamp na linha da análise do discurso.

RESUMO: Tendo como ponto de partida a organização discursiva da antologia de ensaios *Nenhum Brasil existe*, organizada por João Cezar de Castro Rocha, buscarei examinar as marcas de heterogeneidade no tocante à voz de Antonio Candido, no ensaio introdutório da antologia. Para tanto, levei em conta o conceito de discurso fundador (ORLANDI, 2003), na medida em que os dizeres fundadores de Candido na ensaística brasileira se constituem como processos de produção de sentidos que possibilitam o surgimento de outros processos discursivos em relação ao Brasil e à identidade nacional, na tensão entre repetição e deslocamento.

PALAVRAS-CHAVE: análise do discurso; Antonio Candido; ensaística brasileira;

ABSTRACT: Taking in account discursive organization of essays anthology *Nenhum Brasil existe*, organized by João Cezar de Castro Rocha, I will search to examine heterogeneity marks as far as Antonio Candido voice is concerned, in the introductory essay of anthology. For that I considered the discourse foundation concept (ORLANDI, 2003), as foundation's Candido's discourses in the Brazilian essayistic constitute like sense production that make new and other discursive process possible in relation to Brazil and to national identity, in the tension between repetition and rupture.

PALAVRAS-CHAVE: discourse analysis; Antonio Candido; Brazilian essay production;

I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Um interesse sobre a identidade nacional tem me mobilizado, desde o início da minha inserção nas veredas da Análise do Discurso de linha francesa (PÊCHEUX 1988; ORLANDI, 1999). Mas como há uma infinidade de gêneros a serem alvos da análise, procurei delimitar meu estudo, considerando a discursividade de antologias de ensaios sobre o tema identidade nacional (SERRANI, no prelo). Para tanto, neste percurso a ser feito, estou levando em conta que no espaço da textualidade, da formulação, a memória ganha corpo e se atualiza nos dizeres (ORLANDI, 2001).

Neste artigo, examinarei propriamente a antologia *Nenhum Brasil existe*, um volume de história literário-cultural composto por ensaios de múltiplos autores. Dessa maneira, buscarei trabalhar, tendo em vista a organização discursiva das seções de ensaios, com dois conceitos teóricos relativos aos desenvolvimentos da Análise do discurso de linha francesa: as formas de heterogeneidade do dizer (AUTHIER

REVUZ, 1992) e a questão do discurso fundador (ORLANDI, 2003). Nesse caso, dirigirei o foco para os textos de Antônio Cândido que são retomados, trabalhados na textura da organização das seções de ensaios da antologia em questão e “funcionam como uma referência na construção da memória nacional”(ORLANDI, 2003: 7), sobretudo no que concerne ao espaço discursivo da crítica na ensaística brasileira.

Para tanto, concebo, em meu estudo, a discursividade de tal antologia de ensaios como “lugar de memória”. Considerando as reflexões de Nora (1996: 24), a memória é assim um fenômeno sempre atual materializado na linguagem que lhe serve de tecido e de ponto de ancoragem. Courtine (1994, p.10) parte da premissa de que se a linguagem é tecido da memória, interessa, dessa forma, à análise do discurso investigar os modos de existência material da memória na ordem do discurso.

A antologia *Nenhum Brasil existe* representa um grande projeto de articulação entre o Brasil e instituições dos Estados Unidos. Em colaboração com o historiador Valdeci Lopes de Araújo, o organizador, João Cezar Rocha, retomou um projeto inicial referente à publicação de uma antologia editada, primeiramente em língua inglesa, intitulada *Brazil 2001: A revisionary of Brazilian literature and culture* (University of Massachusetts Dartmouth) e “dessa tradução” nasce a antologia em língua portuguesa, *Nenhum Brasil existe*. Tal versão será nosso objeto de análise no que concerne à análise da discursividade referente à organização das seções de ensaios e às justificativas apresentadas pelo organizador da antologia para tal configuração.

Vale dessa forma dizer que este artigo está dividido em duas partes inter-relacionadas no que concerne a uma análise da estruturação das partes da antologia, ou seja, sua organização discursiva.

Na primeira parte, me dedicarei ao exame da heterogeneidade mostrada, isto é, quando a voz explícita de Cândido vem à tona, bem como à problematização da heterogeneidade constitutiva da linguagem, buscando resgatar a presença de Cândido não-explícita, não-citada, mas que constitui o eixo da memória do pensamento ensaístico nacional, isto é, a relação do texto de Rocha (que abre a antologia) com esse outro que constitui um conjunto de saberes sobre a literatura e cultura brasileira.

2. ANTÔNIO CÂNDIDO: INTERVENÇÃO SOBERANA

É válido dizer que se a linguagem é o tecido da memória (COURTINE, 1994), interessa à Análise do discurso estudar os modos de existência material da memória na ordem do discurso. De fato, estudar o discurso antológico me levou a considerar a presença do outro como constitutiva do dizer tanto no eixo da formulação no qual a voz de Antonio Cândido vem marcada quanto no eixo da memória em que percebemos os dizeres de Cândido como um “discurso fundador” que se instala no conjunto de processos discursivos que marcam a antologia como lugar de memória.

Dessa forma, trabalharei, considerando as seções de ensaios e os comentários do organizador, com dois conceitos de heterogeneidade, a saber: a mostrada, isto é, aquela relativa às marcas do discurso relatado, o uso das aspas, os enunciados metadiscursivos) que se dão no eixo intradiscursivo e a heterogeneidade constitutiva, ou seja, uma heterogeneidade não- explícita no texto, mas possível de ser definida pela relação que todo texto mantém com outros discursos, a relação com a memória do dizer.

Neste caso, interessa-me a articulação das seções (estruturação da antologia) com as justificativas textualizadas no texto introdutório do organizador. Neste caso, a antologia revela que os dizeres de Antonio Cândido tanto podem ser entendidos como espaço delimitado à voz marcada do outro quanto como possibilidade de instauração de novas discursividades, isto é, um texto fundador para novos estudos literários que se colocam em cena no âmbito da ensaística nacional brasileira.

Em outras palavras, neste estudo, me interessa justamente a intervenção soberana de Antonio Cândido enquanto voz que, no texto introdutório da antologia, ora é explicitada por meios de marcas de heterogeneidade mostrada na textualização do ensaio, ora como alteridade constitutiva do texto, ou seja, como um conjunto de formações discursivas, um sítio de significância que configura um processo de identificação para uma cultura, uma nacionalidade e acrescento aqui para uma literatura.

3. ANÁLISE DA ORGANIZAÇÃO DISCURSIVA DA ANTOLOGIA: NO JOGO ENTRE TEXTO E MEMÓRIA

Em termos de princípios e procedimentos de análise, estou filiada à Análise de discurso de linha francesa (PÊCHEUX, 1988, 1990) com ênfase, sobretudo, no efeito da determinação do interdiscurso (memória do dizer) como lugar de constituição dos sentidos de um dado discurso. Em relação ao corpus de análise, examinarei, neste primeiro momento, os sentidos dominantes a respeito da identidade nacional a partir da presença do outro no eixo da formulação, do intradiscurso.

O que é chamado de introdução, no sumário do volume, trata-se de um ensaio produzido pelo organizador da obra. O ensaio é intitulado “Nenhum Brasil existe: poesia como história cultural”. O modo de organização dos ensaios. “Nenhum Brasil Existe” está estruturado em torno de sete núcleos temáticos. O autor vai pouco a pouco falando a respeito de cada seção de ensaios e justificando as reconfigurações apresentadas. Posso dizer que a memória se estrutura na formulação, de modo que ganha corpo, configurando-se materialidade específica do discurso antológico, espécies de sítios significantes estruturantes dos sentidos.

Vale a pena analisar algumas marcas lingüístico-discursivas recorrentes no ensaio de Rocha que constroem a representação de sentidos predominantes na textualidade desta primeira seção da introdução. No eixo do intradiscurso, da textualização, a memória discursiva (do campo literário) ganha corpo e garante a atualização dos sentidos.

3.1. As seções de ensaios: Candido como voz explícita e constitutiva do dizer

A primeira seção de ensaios chamada A Carta de Pero Vaz de Caminha é apresentada como possibilidade de ruptura em relação ao saber discursivo que coloca a Carta de Caminha como certidão de nascimento brasileira. Neste caso a presença de Cândido não é notada explicitamente. Mas se considerarmos os sentidos ligados “a Brasil dependente de outra literatura para se constituir”, posso ressaltar que as represen-

tações de sentidos dominantes sobre a identidade nacional e literatura como criação de perspectivas estrangeiras têm seu ponto de sustentação no conjunto de saberes produzidos pela obra de Antonio Candido.

AUTOR	TÍTULO DO ENSAIO
Hans Ulrich Gumbrecht (Universidade de Stanford)	<i>Quem foi Pero Vaz de Caminha?</i>
Guillermo Giuci (UERJ)	<i>Uma carta: Império e Nação</i>
Memory Holloway (Universidade de Massachusetts)	<i>Prece nas areias: Paulo Rego e as representações visuais da primeira missa no Brasil</i>
Maria Manuel Lisboa (Universidade de Cambridge)	<i>Admirável mundo novo? A Primeira missa no Brasil de Paulo Rego</i>

Em relação à segunda seção de ensaios, Intermediários culturais. Neste caso, os dizeres de Cândido em relação à literatura brasileira como dependente do contato permanente com literatura estrangeiras surge como heterogeneidade marcada, presença que se faz no eixo da formulação. Na forma do discurso indireto e direto, a voz de Cândido se mescla à do organizador que produz um novo texto, a partir da obra *Formação da literatura brasileira*, texto fundador da crítica literária nacional. Olhe-mos primeiramente as formas de discurso indireto:

Na introdução à *Formação da literatura brasileira*, **Antonio Candido** argumenta **que uma literatura como a do Brasil necessita de um contato permanente com literatura estrangeiras para não correr o risco de perder-se num inevitável provincianismo (p. 27).**

Gostaria, contudo de ressaltar o potencial subjacente à perspectiva delineada por **Cândido: ela** põe em evidência a natureza comparativa da cultura brasileira e não só desta, mas de **todas as culturas pós-coloniais; um tipo de cultura vocacionalmente antropofágica**, pois sua **constituição explicita a via de mão** dupla dos contatos entre o próprio e o alheio (p. 28)

Nesses excertos percebemos que o organizador coloca em cena indiretamente, na forma da paráfrase, do comentário, de uma espécie de resenha, considerações a respeito da literatura e

da cultura como permeadas pelo outro, a partir do crivo de Antonio Candido. Mas, no segundo fragmento, o autor (re)significa os dizeres de Candido e traz para cena sentidos outros ligados à antropofagia como representação identitária nacional, ainda que Oswald de Andrade tenha sido explicitamente rememorado no início do ensaio (especificamente na página 26) e não neste momento do texto (página 28) na forma do contraponto.

Seria interessante associar a noção de **antropofagia** à pesquisa de Luiz Felipe de Alencastro, **como estratégia de superação ou ao menos de problematização da "teologia negativa**

Intuição que Oswald de Andrade já havia arranhado com sua inteligência relâmpago e cujas conseqüências mais radicais ainda não soubemos enfrentar. Ao contrário da **teologia negativa** (...) o gesto antropofágico, partindo do pressuposto **da necessária presença do** outro, pode transformar alegremente **o tabu em tobem**. (p.26)

Em relação às marcas de heterogeneidade mostrada, no discurso direto, Rocha, traz à baila uma citação bastante polêmica de Candido, que irrompe a formulação do ensaio. Entretanto, embora o dito de Candido seja atualizado no espaço do dizer, o organizador da antologia silencia a possibilidade de problematizar, na textualização, os efeitos desses dizeres a respeito do caráter secundário e menor da nossa literatura em termos universais, argumentando que o conjunto de reações desencadeadas pela crítica de Candido não caberia explorar numa introdução.

Se isto é impossível no caso de um português, o que se dirá de um brasileiro? A **nossa literatura é galho secundário da portuguesa**, por sua vez, arbusto de **segunda ordem** no jardim das Musas (...). Os que nutrem apenas delas são reconhecíveis à primeira vista, mesmo quando eruditos e inteligentes, pelo gosto provinciano e falta de senso de proporções. Estamos fadados, pois, **a depender de outras letras** (Candido, Formação 9-10)

Rocha menciona assim críticas aos dizeres fundadores de Candido numa nota de rodapé. São posições diferentes que reinterpretam aquilo que Candido traz como problema da nossa literatura, conforme aponta o segundo fragmento referente à nota.

Entretanto, menciono algumas das **mais relevantes críticas à posição de Cândido**. Afrânio Coutinho imediatamente **replicou** em Conceito de literatura brasileira. Ver, também, **Portella, Campos, Lima**.

Ligia Chiappini, por sua vez, **respondeu a essas críticas em " Os equívocos da crítica à Formação"**. De minha parte, propus uma **leitura alternativa da leitura de Antonio Candido** em "A formação da leitura no Brasil- esboço de releitura de Antonio Candido".

Nos termos de Orlandi (2001: 125) as notas ao pé da página assim como os mecanismos que realizam o acréscimo (pontuação, parênteses) tornam visível o implícito, ou seja, a invasão de outros sentidos possíveis, na busca pela completude e pela ilusória unidade dos sentidos e do próprio sujeito. Essa nota traz à baila outras filiações de sentidos sobre a literatura brasileira, isto é, outras formações discursivas que constituíram a ensaística nacional em detrimento da visão defendida por Candido. Outros sentidos surgem, e o próprio texto se faz na dispersão, se constrói a partir de diferentes modos de subjetivação.

AUTOR	TÍTULO DO ENSAIO
João Adolfo Hansen (USP)	<i>Esquema para Vieira</i>
Maria Helena Rouanet (UERJ)	<i>Ferdinand Denis e a literatura brasileira: uma bem-sucedida relação tutelar.</i>
Vera Beatriz Siqueira (UERJ)	<i>Aquarelas do Brasil: a obra de Jean- Baptiste Debret</i>
Eucanaã Ferraz (UFRJ)	<i>Le Corbusier: Palavras, obras- ação</i>
Cléia Schiavo Weyrauch (UERJ)	<i>O futuro posto em questão na obra de Stefan Zweig</i>
Paulo Henrique de Brito (PUC-RIO)	<i>Elisabeth Bishop como mediadora cultural</i>
Fernanda Peixoto (UNESP)	<i>Roger Bastide e o Brasil: na encruzilhada de pontos de vista</i>
Victor Hugo Adler Pereira (UERJ)	<i>A lógica do atraso e seu efeito bumerange- o caso Ziembinsky</i>
Olavo de Carvalho (Univercidade)	<i>Otto Maria Carpeaux</i>
Gustavo Bernardo Krause (UERJ)	<i>O estrangeiro</i>
Roberto DaMatta (Universidade de Notre Dame)	<i>De volta aos tristes tópicos: notas sobre Lévy- Strauss e o Brasil</i>

Partirei agora para a terceira seção de ensaios dedicada essencialmente à obra de Gilberto Freyre. Dessa forma, vale notar que as ressonâncias discursivas na formulação do texto

de Rocha apontam novamente para a representação de identidade cultural brasileira associada intensamente à atividade literário-intelectual. Neste caso, a representação da identidade nacional brasileira está atrelada aos legados de produção literária, atualizando dizeres que têm sua sustentação em processos de produção de sentidos fundados pela contribuição de Candido na ensaística nacional.

Nas palavras de Candido Diferentemente do que sucede em outros países, a **literatura** tem sido aqui, mais que a filosofia e as ciências humanas, o fenômeno central da vida do espírito, (...). "**Um Alencar ou um Domingos Olímpio** eram, ao mesmo tempo, **o Gilberto Freyre e o José Lins do Rego** em seu tempo.: a **ficção** adquiria significado de **iniciação ao conhecimento da realidade do país**

Não podemos deixar de lado o fato de que Gilberto Freyre se autoconsiderava escritor. Ou nos termos de Bastos (2000: 233) podemos também considerar que a obra *Casa grande e senzala* não seja apenas um grande livro de sociologia brasileira, mas sem dúvidas, um monumento da literatura nacional.

AUTOR	TÍTULO DO ENSAIO
Enrique Rodriguez Larreta (Instituto de Pluralismo Cultural)	<i>O caminho para Casa-Grande: itinerários para Gilberto Freyre</i>
João Cezar de Castro Rocha (UERJ)	<i>As raízes e os equívocos da cordialidade brasileira</i>
Marcos Chor Maio (Fundação Osvaldo Cruz)	<i>Quando o Brasil foi considerado diferente: 50 anos do Projeto Unesco de relações raciais</i>
Mary del Priore (USP)	<i>Sobrados e mucambos: " a carne e a pedra" no Brasil</i>
Ricardo Benzaquen de Araújo (PUC- Rio)	<i>Raios e trovões. Plasticidade, excesso e modernidade na obra de Gilberto Freyre</i>
Simon Schwartzman (IUPERJ)	<i>As ciências sociais brasileiras no século XX</i>

Neste caso, mais uma vez Cândido serve de farol para guiar as reflexões do organizador Rocha. Para tanto, é necessário buscar a voz de Candido, a partir de sua obra *Literatura e Cultura*, quando o autor comenta a respeito das seções Cultura e Literatura.

Considerando as próximas seções Cultura e Literatura, é válido dizer que o primeiro conjunto de textos que segue na orga-

nização da antologia é composto por 16 ensaios e o segundo integra 32 ensaios, configurando a seção mais extensa da antologia.

Rocha discorre, tendo como ponto de ancoragem, todas as reflexões de Cândido que apontam para sentidos ligados a um papel muito significativo tanto para as obras literárias nacionais quanto os ensaios interpretativos no Brasil. Tais textualizações teriam cumprido, de acordo com os dizeres fundadores de Candido, o papel de traduzir o processo histórico brasileiro, fazendo as vezes das Ciências Sociais e Filosofia. Em virtude da ausência de universidades no Brasil, as obras literárias constituíram materiais salutareos sobre o país.

Tais invenções textuais desempenharam um importante papel na história intelectual brasileira, dada a ausência de universidades, que só foram solidamente implantadas a partir dos anos 30 do século XX. Até aquela época, **obras literárias e ensaios interpretativos** foram responsáveis por **traduzir o** processo histórico-brasileiro **em narrativas de formação do país**

Assim sendo, ressoam nessa seção sentidos sobre a imbricação identidade cultural e os estudos literários. Estudar a história do Brasil e a construção de conhecimentos sobre sua gente, geografia, cultura e instituições passava pelo crivo da Literatura. Interessante notar na tessitura da antologia que ela, assim como o Brasil e suas manifestações, desde o nascimento, se fazem como amálgama em relação aos quais não se pode muito bem distinguir as partes que o/as constituem.

AUTOR	TÍTULO DO ENSAIO
Francisco José Calazans Falcon (PUC- Rio)	<i>As reformas pombalinas e a cultura colonial</i>
Pedro Meira Monteiro (Universidade de Princeton)	<i>Cairu, moralista</i>
Valdeí Lopes de Araújo (PUC- Rio)	<i>Política como história, como literatura: Um estadista do Império</i>
Roberto Ventura (USP)	<i>Manoel Bonfim: Estado e Elites como parasitas do povo-nação</i>
Luiz Costa Lima (UERJ)/ PUC	<i>D João VI no Brasil</i>
Tarcísio Costa (UNB)	<i>Cidadania em Rui Barbosa: "questão social e política no Brasil"</i>
Tereza Virginia Almeida (UFSC)	<i>Retrato do Brasil no contexto pós-moderno</i>

AUTOR	TÍTULO DO ENSAIO
Angela de Castro Gomes (Universidade Federal Fluminense)	<i>USA e Brasil: capitalismo e pré-capitalismo segundo Oliveira Viana</i>
Marcelo Jasmin (Fundação Osvaldo Cruz)	<i>A viagem redonda de Raymundo Faoro em Os donos do poder</i>
Robert Wegner (Fundação Osvaldo Cruz)	<i>América, alegria dos homens: uma leitura de Visão do Paraíso e de Wilderness and Paradise in Christian Thought</i>
Margarida de Souza Neves (PUC- RIO)	<i>Para descobrir a alma do Brasil. Uma leitura de Luís da Câmara Cascudo</i>
Carlos Guilherme Mota (USP/ Mackenzie)	<i>O mundo que o português criou, ruiu. Florestan Fernandes e nós</i>
Lilia Moritz Schwarcz (USP)	<i>O teatro da política: O Rei como personagem do Estado Imperial brasileiro - uma leitura de A construção da ordem: a elite política imperial e Teatro das Sombras: a política imperial</i>
Valter Sinder (UERJ)	<i>Fronteiras da nação e a construção de identidades plurais: Carnaval, malandros e heróis ou Roberto DaMatta e o entre lugar da cultura brasileira</i>
Marcus Aexandre Motta (UERJ)	<i>Referências, responsabilidades e leitura. O livro: A época pombalina</i>
André Nunes de Azevedo (PUC- RIO)	<i>Tempo saquarema: A construção do mundo imperial</i>

Em seguida, a antologia traz a seção de ensaios, cujo título é “Literatura”, o maior dos blocos, com 32 textos. O autor, ao se referir às obras literárias abordadas nesta seção, as chama de *invenções textuais do Brasil* ou ainda narrativas de formação do país. Novamente, a palavra ficção (no sentido de obras literárias nem sempre coincidirem com um acontecimento real) ressoa no discurso antológico em relação à literatura enquanto campo de construção de conhecimento da realidade do país, a partir de descrições de nossa gente e de nossos costumes.

AUTOR	TÍTULO DO ENSAIO
Adriano Espíndola (UFCE)	<i>O nativismo ambíguo de Gregório de Matos & Guerra</i>
Bethania S. C. Mariani (Universidade Federal Fluminense)	<i>Século XVIII no Brasil: línguas, política e religião</i>

CONFLUÊNCIAS DA LITERATURA,
 HISTÓRIA, MEMÓRIA E SOCIEDADE

AUTOR	TÍTULO DO ENSAIO
Ross G Forman (Kingston University, Londres)- José Luis Jobim (UERJ/ Universidade Federal Fluminense)	<i>Palco de influências: o teatro brasileiro no século XIX</i> <i>Nacionalismo em Gonçalves Dias</i>
Marcus Vinicius Nogueira Soares (UERJ)	<i>Memórias de um sargento de milícias: um romance único</i>
Mo Barberi (UERJ)	<i>Itacema: a tupinização do português</i>
Bluma Waddington Vilar (UERJ)	<i>Machado de Assis e as Memórias postumas de Brás Cubas</i>
Abel Barros Baptista (Universidade Nova de Lisboa)	<i>A reforma hermenêutica. Aecra da legibilidade de Dom Casmurro</i>
Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo (UERJ)	<i>Augusto dos Anjos: paradoxo da modernidade</i>
David Danilo Bartelt (Universidade livre de Berlim)	<i>Palavras secas: o discurso sobre o sertão nos séculos XIX</i>
Walnice Nogueira Galvão (USP)	<i>Os sertões: Paisagens com figuras</i>
Beatriz Resende (UFRJ)	<i>Triste fim de Policarpo Quaresma: a exclusão do herói cheio de caráter</i>
Ettore Finazzi-Agró (Universidade La Sapienza, Roma)	<i>A identidade devorada. Considerações sobre a antropofagia</i>
Marcos Antonio de Moraes (USP)	<i>Mário de Andrade entre a erudição e o conhecimento</i>
Helioisa Toller Gomes (UERJ)	<i>Menino de engenho: a memória das perdas</i>
Silvano Santiago (Universidade Federal Fluminense)	<i>Monteiro Lobato hoje- ponto e vírgula</i>
Golamérco F. Carneiro dos Santos (PUC- GO)	<i>Manuel Bandeira: distâncias de uma vida peregrina</i>
Erick Felinto de Oliveira (UERJ/ Estácio de Sá)	<i>Esquecendo o Brasil: Drummond e a problematização da identidade</i>
Sabrina Karpa- Wilson (Universidade da Indiana)	<i>A escrita autobiográfica feminina no Brasil contemporâneo e o caso de Adalgisa Nery</i>
Kathrin Rosenfeld (UFRGS)	<i>Grandes sertões veredas ou João Guimarães Rosa em busca da universalidade</i>
Eneida Maria de Souza (UFMG)	<i>Arquivo e memória em Pedro Nava</i>
Italo Moriconi (UERJ)	<i>A hora da estrela ou a hora do lixo de Clarice Lispector</i>

AUTOR	TÍTULO DO ENSAIO
Karl Erick Shollhammer (PUC- Rio)	<i>O caso Fonseca: a procura do real</i>
Antonio Carlos Secchin (UFRJ)	<i>João Cabral em perspectiva</i>
Leonardo Martinelli (UERJ)	<i>Ferreira Gullar e o tempo do poema</i>
Heloísa Buarque de Holanda (UFRJ)	<i>Duas poéticas, dois momentos</i>
Therezinha Barbieri (UERJ)	<i>Ficção brasileira hoje: Um ponto de partida</i>
Arthur Nestrovsky (PUC-SP)	<i>Três paulistas</i>
Maria Aparecida Ferreira de Andrade Salgueiro ((UERJ)	<i>Breve introdução à literatura afro-brasileira feminina contemporânea</i>
João Almino (Instituto Rio Branco- Fundação Alexandre Gusmão)	<i>O diálogo interrompido: as relações literárias entre Brasil e Portugal</i>
Pablo Rocca (Universidade da República do Uruguai)	<i>Caminhos que bifurcam: Borges, a vanguarda rioplatense e o modernismo brasileiro</i>
Jorge Schwartz (USP)	<i>Abaixo Tordesilhas</i>

Esta junção de cultura e literatura, explicitadas, ao mesmo tempo, na apresentação de Rocha (textualização), vem mesmo a calhar. Não é à toa que o organizador assim o faz. O fato de o organizador ter abarcado esses dois últimos conjuntos de ensaios, as seções Cultura e Literatura, em uma única explanação no seu ensaio introdutório, tem a ver com as ressonâncias de um sentido dominante que representa, conforme Cândido, a figura da literatura como central no tocante à construção de um referencial cultural/intelectual no país.

Este sentido dominante ao qual Rocha está filiado em termos de identificação com um saber, uma memória sobre a brasilidade se materializa na maneira como a antologia se perfaz. Ao mesmo tempo em que o autor nos chama a atenção para o fato de que a literatura no Brasil, a ficção, desempenhava o papel salutar de fornecer ao povo conhecimentos acerca da realidade do país, o organizador, também, busca no desenho da antologia esboçar esta possibilidade de instauração dos sentidos.

A penúltima seção, "História e Crítica Literária", é composta por 8 ensaios. Tal seção oferece ao leitor uma visão panorâmica dos primórdios tanto da história quanto da crítica literária até a contemporaneidade. A questão de buscar entender o país e sua cultura está estreitamente relacionada ao desenvolvimento de tais disciplinas. Ademais, ressoam sentidos de que a busca pela identidade nacional parece ser não somente vocação dos estudos literários como também uma de suas maiores contribuições para o conhecimento da realidade de nosso próprio país. Os dizeres de Candido estão novamente sendo retomados no desenvolvimento do ensaio de Rocha, ainda que essa presença do outro, a alteridade discursiva, se mantenha implícita na ilusão do sujeito ser fonte e dono do seu dizer (PECHEUX, 1988)

Dessa forma, o leitor pode ter uma idéia das questões e dificuldades enfrentadas pela instituição dos estudos literários no Brasil, estudos esses **empenhados** na **busca da identidade nacional** (p. 29)

AUTOR	TÍTULO DO ENSAIO
Roberto Acízelo de Souza (UERJ)	<i>Primórdios da historiografia literária brasileira</i>
Regina Zilberman (PUC- RS)	<i>Entre duas histórias: de Sílvio Romero a José Veríssimo</i>
K. David Jackson (Universidade de Yale)	<i>O brasileiro abstrato: o malandro como persona nacional</i>
Regina Lúcia de Faria (Univercidade)	<i>A crítica dialética de Roberto Schwarz</i>
Raúl Antelo (UFSC)	<i>Crítica híbrida e forma histórica</i>
Rachel Lima (UNB)	<i>A crítica literária entre antigas e novas polêmicas</i>
Sérgio Alcides (USP)	<i>Os caminhos de uma questão: Luiz Costa Lima e o "controle do imaginário"</i>
Eduardo Coutinho (UFRJ)	<i>Literatura comparada no Brasil nos anos 90</i>

Por fim, a última seção denominada "Audiovisual" completa a antologia. São 10 ensaios articulando a identidade nacional a análises sobre meios de comunicação, filmes, artes em geral.

A última seção, Audiovisual, representa um reconhecimento necessário, embora pouco freqüente: **as invenções do Brasil** dependeram

(e ainda dependem) muito dos meios de comunicação outros que não os da cultura livresca. (...) uma **exposição da história cultural brasileira** ficaria incompleta se não levasse em conta a **dimensão audiovisual**. *Nenhum Brasil existe* caminha nessa direção.

Com efeito, toda a análise da antologia confirma a premissa de que a literatura e todas suas formas de manifestação servem como ponto de sustentação, no caso de *Nenhum Brasil existe*. Assim como as *invenções textuais* derivadas da cultura livresca serviram de parâmetro para o conhecimento de nossa realidade, já-dito que tem seu ponto de ancoragem em Cândido, Rocha reconfigura a historicidade do dizer, entendido como discurso fundador dos estudos literários no Brasil, de modo que amplia essa possibilidade, vendo nas manifestações audiovisuais uma nova modalidade de interpretações do Brasil.

Dessa maneira, Rocha o representa como região complexa que não pode estar apartada de análises sobre a realidade nacional. Filmes, emissoras de rádio, a música popular, redes de TV seriam exemplos que retratariam o que somos e como o Brasil é e se faz, cumprindo, assim, um papel que era a princípio desempenhado somente pela Literatura. A antologia caminha assim da Literatura até outras formas de arte, de expressão do pensamento e de meios de comunicação. Essa busca de definição à luz dessas manifestações audiovisuais tem base na vocação que também é da literatura de interpretar o mundo e as coisas. Entender a partir do elemento audiovisual o que é Brasil é um exercício de (re)trabalhar os sentidos trazidos por Cândido, é um movimento de interpretação (ORLANDI, 1999) de dizeres fundadores rememorados na antologia como lugar de memória.

não é, pois, uma surpresa que, nos anos 60 do século XX, **filmes** tenham sido considerados instrumentos para mudanças revolucionárias. **A música popular**, por exemplo, segue desempenhando um papel significativo na definição de identidades brasileiras. Isto para não mencionar as **redes de televisão**, que são o mais forte elemento de coesão na sociedade brasileira contemporânea.

Diante disso, percebe-se que a antologia *Nenhum Brasil existe* concebe o elemento audiovisual como forma contemporânea de busca de uma definição acerca do que é nacional.

AUTOR	TÍTULO DO ENSAIO
Lia Calabre (Fundação Casa Rui Barbosa)	<i>A participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira (1923-1960)</i>
Eugenio Buci (Editora Abril)	<i>A antropofagia patriarcal da televisão</i>
Eduardo Neiva (Universidade do Alabama)	<i>Os meios de comunicação: Passado e Futuro</i>
Ivana Bentes (UFRJ)	<i>Política e estética do mito Deus e o diabo na terra do sol</i>
José Carlos Avellar (RioFilme)	<i>A redenção do excesso de pecado</i>
Jorge Ruffinelli (Universidade de Stanford)	<i>Brasil 2001 e Walter Salles: Cinema para aldeia global?</i>
Lara Valentina Pozzobon (UERJ)	<i>Clichês machistas em filmes de mulheres</i>
Roberto Conduru (UERJ)	<i>Diamantina- Pedra de toque da arquitetura no Brasil</i>
Paulo Knauss (Universidade Federal Fluminense)	<i>A imagem do índio brasileiro: escultura, regionalismo e disputa simbólica</i>
Ivone da Silva Ramos Maya (Universidade Federal Fluminense)	<i>Contra o fetiche Brasil: Afinidades eletivas entre cinema, literatura e artes plásticas</i>
Maria Rita Kehl (PUC- SP)	<i>A fratria órfã: O esforço civilizatório do rap na periferia de São Paulo.</i>

4. REFLEXÕES FINAIS

Numa tentativa de analisar as formas de heterogeneidade do discurso antológico, no que concerne ao conceito de discurso fundador, nos termos de Orlandi (2003), voltei-me ao exame do processo discursivo representado pelo conjunto da obra de Candido que ecoa na antologia Nenhum Brasil existe, produzida em 2001 nos EUA e publicada em língua portuguesa, no Brasil, em 2003.

Posso dizer que o discurso de Candido como presença outra que se encarna na materialidade como parte da memória da ensaística intelectual brasileira cria toda uma tradição de sentidos e se configura como fundador do discurso da crítica literária e da identidade nacional. Ou seja, assim como Marx, Freud e Saussure, Candido não é somente um autor de tantas obras, mas é um produtor de novos textos, garantindo a condição da possibilidade e da regra de formação de outros processos de produção de sentidos. (ORLANDI, 2003: 24).

Tomar um discurso fundador, neste caso, Antonio Candido, como conjunto de dizeres que propiciam novas discursividades não é somente reconhecer as significações que advêm dele e que se repetem no discurso de Rocha, mas perceber as resignificações produzidas que apontam para processos identificatórios complexos, na tensão entre repetição e deslocamento, num jogo no qual Candido entra em cena como ponto de ancoragem e é reinterpretado, reconfigurado, de um lado, a partir da consideração do espaço das vozes polêmicas que se debatem em relação aos sentidos trazidos por Candido de Brasil e literatura dependentes de outras culturas e de um outro lado, a partir da inserção do elemento audiovisual como observatório, assim como a literatura, da nossa identidade e da nossa realidade.

5. REFERÊNCIAS

- AUTHIER REVUZ, J. *Hétérogénéité(s) énonciative(s)*. Languages 73. Paris: Larrousse, pp. 98-111, 1984. Em português *Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)*. Caderno de Estudos Lingüísticos. 19. Campinas: IEL- Unicamp, pp 25-42, 1990.
- COURTINE, J Analyse du discours politique. In: *Languages*, 62, Paris, Larousse, 1981
- LAGAZZI- RODRIGUES, S. Texto e autoria. In: Orlandi, E & Lagazzi-Rodrigues, S. "Discurso e textualidade". Campinas: Pontes, 2006
- NORA, P (1983) "Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux". In: G. Lipovestki. *L'ère du vide*. Paris: Flammarion.
- ORLANDI, E. *A Linguagem e seu Funcionamento*. As Formas do Discurso. Campinas, Pontes. 2ª ed. rev. e aum, 1987
- ORLANDI, E, *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 3.a ed. Campinas: Pontes, 2003
- ORLANDI, E. *Análise do discurso: Princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, M. *Análise Automática do Discurso*. Trad. Eni P. de Orlandi. Em F. Gadet & T. Hak (orgs) *Por uma Análise Automática do Discurso*. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1969.

PÊCHEUX, M *Semântica e Discurso*. Uma Crítica à Afirmação do Óbvio. Trad. Eni P. de Orlandi et alii. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988

ROCHA, J. C. C et al. *Nenhum Brasil existe*. Pequena enciclopédia. Rio de Janeiro: Toopsbook Editora /Univercidade Editora, 2003.

SERRANI, S. *A linguagem na pesquisa sociocultural*. Um estudo da repetição na discursividade. Campinas: Editora da UNICAMP, 1983

SERRANI, S. Identidade e representação do Brasil em antologias poéticas bilíngües. In: CORACINI, M. J. R. F, GRIGOLETO, M E MAGALHÃES, I. *Práticas identitárias em Lingüística Aplicada*. São Paulo: Parábola, no prelo.